



LETRAMENTO LITERÁRIO E REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NA LITERATURA *CHICK-LIT*: EXPERIÊNCIAS INTERINSTITUCIONAIS ENTRE O IFRS E O IFSP

Profa. Dra. Ana Elisa Sobral Caetano da Silva Ferreira

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, IFSP, Cubatão, SP, Brasil
anaelisaferreira@ifsp.edu.br

Profa. Dra. Lucía Silveira Alda

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, IFRS,
Rio Grande, RS, Brasil
lucia.alda@riogrande.ifrs.edu.br

Maria Laura Albernaz Pereira

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – IFRS,
Rio Grande, RS, Brasil
11040521@aluno.riogrande.ifrs.edu.br

Camilla Roberta de Almeida Lima

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – IFSP, Cubatão, SP, Brasil
lima.camilla@aluno.ifsp.edu.br

Yasmim Cerqueira Tacito Modesto

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – IFSP, Cubatão, SP, Brasil
m.yasmim@aluno.ifsp.edu.br

Resumo

Este trabalho apresenta a parceria interinstitucional entre os grupos de pesquisa ELIN, do IFSP/Cubatão e PRISMA, do IFRS/Rio Grande, no estudo do subgênero literário *chick-lit*, articulando literatura, gênero e representatividade. O objetivo é analisar como essas narrativas refletem e tensionam construções sociais de gênero e os processos de legitimação da escrita feminina. Para tanto, a metodologia envolveu revisão bibliográfica, análise de conteúdo e rodas de leitura, contemplando obras publicadas entre 1995 e 2025. Os resultados apontam que, embora o *chick-lit* reproduza estereótipos de feminilidade branca e urbana, também oferece espaço para discussões críticas sobre autoria e performatividade de gênero. As experiências de iniciação científica promoveram letramento literário, reflexão social e fortalecimento do diálogo interinstitucional, consolidando a pesquisa como instrumento de transformação e inclusão.

Palavras-chave: autoria feminina; *chick-lit*; gênero; iniciação científica; Letramento literário.



LITERARY LITERACY AND GENDER REPRESENTATION IN CHICK-LIT LITERATURE: INTERINSTITUTIONAL EXPERIENCES WITHIN THE IFRS AND IFSP

Abstract

This paper presents the interinstitutional partnership between the research groups ELIN, from IFSP/Cubatão, and PRISMA, from IFRS/Rio Grande, in the study of the *chick-lit* literary subgenre, articulating literature, gender, and representativeness. The main goal is to analyze how these narratives reflect and challenge social constructions of gender and the processes of legitimizing female authorship. To this end, the methodology involved bibliographic review, content analysis, and reading circles, encompassing works published between 1995 and 2025. The results indicate that, although *chick-lit* reproduces stereotypes of white and urban femininity, it also provides a space for critical discussions on authorship and gender performativity. The scientific initiation experiences fostered literary literacy, social reflection, and the strengthening of interinstitutional dialogue, consolidating research as an instrument of transformation and inclusion.

Keywords: chick lit; gender; female authorship; literacy; scientific initiation.

INTRODUÇÃO

A presente edição especial, em comemoração aos dez anos do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade (NUGS¹), constitui-se como um marco fundamental na consolidação da memória institucional e acadêmica de iniciativas voltadas à promoção do debate sobre gênero e sexualidade em diferentes contextos de ensino. Ao longo dessa década, o NUGS tem se configurado como espaço de resistência, diálogo e produção de conhecimento comprometido com a transformação social, ao mesmo tempo em que fortalece uma rede de pesquisadores, docentes e estudantes engajados na construção de uma educação plural e inclusiva. Nesse sentido, a prática das iniciações científicas aqui relatadas não se limita a um registro formal, mas assume a função de demonstrar os percursos, metodologias, desafios e conquistas que, reunidos, conferem densidade histórica à trajetória dos grupos de pesquisa e suas investigações sobre marcas de gênero na linguagem.

É nesse horizonte que se insere o debate proposto, resultado da articulação entre dois grupos de pesquisa que, ainda que localizados em instituições e contextos distintos, convergem em sua preocupação com a literatura e as questões de gênero: o Grupo de Pesquisa em Estudos Linguísticos (ELIN), do Campus Cubatão do Instituto Federal de São Paulo (IFSP), e o Grupo de Pesquisa Perspectivas de Representatividade, Inclusão, Sexualidade,

¹ A sigla NUGS nos Institutos Federais de São Paulo corresponde à sigla NEPGS nos Institutos Federais do Rio Grande do Sul.

Gênero e Raça em Movimentos Acadêmicos (PRISMA), do Campus Rio Grande, do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS). Durante a pesquisa, ocorreram debates em reuniões on-line, vídeos chamadas para a produção da pesquisa e roda de leituras, em que os livros eram indicados pelas professoras, e as estudantes liam para se aprofundar no assunto proposto.

Enquanto o ELIN se consolida no âmbito do ensino superior, com investigações centradas em análises linguísticas e literárias, o PRISMA se estrutura na interface entre ensino, pesquisa e extensão, com ênfase na produção de conhecimento crítico em gênero e diversidade, tendo forte vínculo com o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade (NEPGS) do IFRS. A aproximação entre esses grupos reforça a importância do diálogo interinstitucional, especialmente quando ambos se debruçam sobre temáticas que buscam problematizar representações sociais e literárias de identidades de gênero e sexualidade nas esferas da educação básica e universitária.

O ponto de convergência que orienta esta análise é o interesse pela crítica do subgênero literário *chick-lit*, popularmente conhecido como “literatura de mulherzinha” (Santos, 2016). Apesar de muitas vezes marginalizado pela crítica acadêmica, o *chick-lit* apresenta possíveis reflexões sobre estereótipos de gênero, consumo e representatividade feminina no mercado editorial contemporâneo.

O *chick-lit* se refere a uma produção literária voltada para mulheres e escrita para mulheres, que retratam temas como: cotidiano, luto, compras, relações profissionais e relacionamentos de mulheres consideradas modernas (Santos, 2016). O principal objetivo dessas obras é proporcionar entretenimento aos leitores, com foco principal nas mulheres, promovendo momentos de lazer e diversão. A nomenclatura, traduzida livremente como “literatura de mulherzinha”, carrega uma conotação depreciativa, contribuindo para a desvalorização tanto das autoras quanto das leitoras desse gênero. Essa percepção reflete o modo como a cultura literária e o mercado literário ainda operam dentro de hierarquias simbólicas que tendem a privilegiar temas considerados “universais”, majoritariamente escritos por homens, em detrimento daqueles ligados à esfera do feminino.

Diante do exposto, recorreremos à teórica Judith Butler (2018) para explicar o fenômeno de desvalorização da mulher no mercado editorial, entendendo que aquilo que é imputado ao feminino está relacionado à performatividade de gênero. Nas palavras da autora, “não há identidade de gênero por trás das expressões do gênero; essa identidade é *performativamente*

constituída, pelas próprias ‘expressões’ tidas como seus resultados.” (p 44.) Ou seja, as representações sociais do feminino são historicamente construídas e reproduzidas, mostrando que o conceito de gênero não é natural, mas construído e repetido por meio de práticas sociais, culturais e discursivas que reiteram papéis e estereótipos.

Assim, a desvalorização das produções literárias de autoria feminina, como ocorre com o subgênero *chick-lit*, reflete uma estrutura simbólica que associa a escrita das mulheres ao âmbito sentimental, reforçando desigualdades e limitando o reconhecimento dessas obras no campo literário.

Diante dessa constatação, torna-se relevante investigar de que modo obras marginalizadas pelo cânone podem contribuir para a formação de leitores críticos e para o questionamento das hierarquias simbólicas presentes no campo literário. É nesse contexto que as pesquisas de iniciação científica (IC) desenvolvidas se configuram como espaços de produção de conhecimento e de ampliação da visibilidade de debates sobre gênero e literatura. Essas investigações, que articulam teoria e prática, possibilitam que estudantes em distintas etapas da formação acadêmica exercitem a análise de discursos que circulam na literatura e como ela funciona enquanto um espelho social.

O objetivo central da presente reflexão é, portanto, compreender, a partir das análises desenvolvidas em parceria entre os grupos ELIN e PRISMA, como a relação entre o prazer da leitura e o letramento literário (Cosson, 2021) pode se articular em projetos de IC ao nos debruçarmos sobre os percursos dos projetos e suas investigações, buscando destacar a contribuição dessas experiências para o fortalecimento do debate sobre gênero, representatividade e linguagem, bem como para a consolidação de práticas interinstitucionais que reafirmam a pesquisa acadêmica como instrumento de transformação social.

MEMÓRIA DA CRIAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DOS GRUPOS

O Grupo de Pesquisas e Estudos Linguísticos (ELIN) foi fundado em 2017, no Instituto Federal de São Paulo, Campus Cubatão, como resposta à necessidade de instituir um espaço voltado à reflexão crítica sobre a linguagem em suas múltiplas dimensões. Desde então, o grupo vem se consolidando como um núcleo de encontro, discussão e produção científica, reunindo docentes e discentes em projetos que integram ensino, pesquisa e extensão. Em 2025, o grupo era composto por sete pesquisadores (cinco doutores e dois mestres) e nove estudantes em formação, sendo oito de graduação e um de ensino médio. As

atividades do grupo estavam organizadas em duas linhas de pesquisa: Linguagem, Interação e Sociedade e Linguagem e Educação, ambas voltadas a investigações sobre a língua em uso, contemplando tanto fenômenos linguísticos recorrentes na sociedade quanto sua inserção nos processos educativos e de formação docente.

Assim, os trajetos das IC aqui apresentados se inserem na primeira linha de pesquisa, buscando investigar as relações entre linguagem e sociedade por meio da leitura de obras literárias. O livro escolhido, *Love Story* (Kelk, 2024), integra o subgênero literário *chick-lit* e foi selecionado por se tratar de um corpus contemporâneo que reflete questões atuais sobre representações de gênero, consumo e subjetividade feminina. Sua escolha justifica-se pelo fato da obra dialogar diretamente com os debates sobre o papel da mulher na sociedade e no mercado editorial, além de problematizar estereótipos tradicionalmente associados à literatura escrita por mulheres. A leitura de *Love Story* permitiu que as bolsistas analisassem como a linguagem literária expressa, tensiona e, por vezes, subverte discursos normativos de gênero. Tornando-se, assim, um campo fértil para reflexão no âmbito dos Estudos Culturais, em especial nos estudos de Butler (2018), que discutem a performatividade e a construção discursiva das identidades.

A autora afirma que a linguagem não é neutra, mas sim, um instrumento de poder, uma vez que

Os sujeitos regulados por tais estruturas são formados, definidos e reproduzidos de acordo com as exigências delas. Se esta análise é correta, a formação jurídica da linguagem e da política que representa as mulheres como ‘o sujeito’ do feminismo é em si mesma uma formação discursiva e efeito de uma dada versão da política representacional (Butler, 2018, p. 15).

Ou seja, a autora mostra que o poder atua dentro da linguagem, produzindo efeitos concretos sobre os corpos e as identidades. Nesse sentido, o poder (jurídico, social e discursivo) não apenas reprime, mas constitui o sujeito. No campo literário, essa dinâmica se manifesta nas maneiras pelas quais o discurso constrói e simboliza corpos, desejos e identidades, revelando o caráter político da escrita e da leitura.

Tal abordagem dialoga diretamente com o propósito do NUGS, uma vez que compreendemos os estudos da linguagem como espaço de construção, disputa e resignificação de identidades. Nessa perspectiva, as orientandas pesquisaram como discursos sobre gênero circulam em diferentes práticas sociais, mas principalmente em obras literárias,

analisando seus efeitos de sentido e sua relação com processos de inclusão, exclusão e resistência.

Seguindo os passos de diversos estudos desenvolvidos pelo grupo, as pesquisadoras compreendem a linguagem não apenas como objeto científico, mas também como prática social, histórica e cultural. Nesse sentido, o ELIN vem se dedicando à análise, descrição e documentação de manifestações linguísticas e culturais de diferentes comunidades, promovendo o diálogo constante entre teoria e prática.

Por sua vez, o Grupo de Pesquisa Perspectivas de Representatividade, Inclusão, Sexualidade, Gênero e Raça em Movimentos Acadêmicos (PRISMA) foi criado em 2024, no Campus Rio Grande do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS), como resposta à necessidade de instituir um espaço voltado à reflexão crítica e à produção científica em torno das relações de gênero, sexualidade e raça no contexto educacional. Desde o início, o grupo construiu parcerias estratégicas com o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade (NEPGS) e com o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI), configurando-se como instância de diálogo e de articulação de projetos que integram ensino, pesquisa e extensão em uma abordagem interdisciplinar.

Atualmente, o PRISMA conta com uma equipe composta por docentes de diferentes áreas do conhecimento – seis doutores, três mestres e uma especialista – além de dezoito estudantes do ensino médio integrado e três estudantes de ensino superior. Essa configuração tem permitido que o grupo atue de forma ampla, fortalecendo sua inserção tanto acadêmica quanto social. Suas atividades estão organizadas em sete linhas de pesquisa: Cultura corporal do movimento humano, experiência e seus contextos; Educação antirracista; Educação multicultural e igualdade social entre os grupos minoritários; Gênero, sexualidade e diversidade na escola; Identidade, corpo, sexualidade e saúde; Políticas públicas, ações afirmativas e educação; e Violências de gênero e interseccionalidade. Essas linhas orientam investigações que problematizam desigualdades estruturais, práticas de exclusão e formas de violência, ao mesmo tempo em que buscam apontar caminhos de resistência e transformação nos espaços educativos.

Este estudo vincula-se ao projeto “Mulheres modernas? Representações femininas na literatura *chick-lit* e as questões contemporâneas de gênero”, associado à linha de pesquisa Gênero, sexualidade e diversidade na escola. Essa investigação toma como objeto de análise as narrativas literárias do subgênero *chick-lit*, cuja popularidade entre jovens leitoras o torna

relevante para discutir como representações femininas dialogam com expectativas sociais, padrões de gênero e possibilidades de emancipação. Embora marcado por uma linguagem leve e bem-humorada e voltado ao público feminino (Matvijev, 2015), o *chick-lit* tem sido alvo de críticas por, muitas vezes, reforçar estereótipos de gênero e privilegiar protagonistas brancas, cisheterossexuais e de classe média urbana (Santos, 2016). A partir disso, a pesquisa articula estudos contemporâneos sobre gênero, interseccionalidade e feminismo (Butler, 2018; Gonzalez, 2020; hooks, 2018; Zanello, 2023) e prática ao integrar estudantes da educação básica no processo investigativo, propondo rodas de leitura e discussão crítica sobre as personagens e seus contextos narrativos. Nessa perspectiva, mais do que um objeto estético, a literatura é concebida como prática social que contribui para a formação cidadã ao problematizar a construção e a hierarquização de identidades femininas.

Isto posto, tanto o ELIN, no âmbito do ensino superior, quanto o PRISMA, no ensino médio e técnico, encontram na literatura um ponto de interseção com as questões de gênero. Essa aproximação permite a realização de experiências interinstitucionais que fortalecem a parceria entre IFSP e IFRS, explorando as interfaces entre linguagem, gênero e sociedade. O diálogo entre os grupos, por meio de leituras compartilhadas, conversas e escritas conjuntas, amplia o alcance das pesquisas e evidencia a importância da cooperação acadêmica para a consolidação de práticas investigativas inovadoras e comprometidas com a inclusão e a representatividade.

EXPERIÊNCIAS EM INICIAÇÃO CIENTÍFICA

As experiências de IC desenvolvidas em Cubatão e Rio Grande revelam abordagens distintas, mas complementares, em torno do estudo da literatura *chick-lit*, confirmando a potência desse subgênero como objeto de investigação acadêmica.

Iniciação Científica no Ensino Superior, no Campus Cubatão (IFSP)

Será mesmo necessário um milagre - eu me perguntava -
para que uma mulher com coisas a contar dissolva as
margens entre as quais parece fechada por natureza e se
mostre para o mundo com a sua escrita?

Elena Ferrante



Em seu livro, *As Margens e o Ditado*, Ferrante (2021) reflete sobre a escrita e os desafios enfrentados por mulheres que buscam afirmar sua voz em um campo historicamente dominado por homens. A autora, que publica sob pseudônimo e mantém o anonimato, argumenta que a escrita deve ultrapassar sua identidade pessoal; no entanto, reconhece que o gênero marca profundamente tanto sua linguagem quanto os temas que aborda. Ao revisitar sua trajetória, Ferrante observa que, por muito tempo, acreditou que escrever bem significava escrever como um homem, uma postura que, segundo a autora, acabou por aprisioná-la. Somente ao romper com essa tradição masculina, ela pôde construir uma voz própria e reconhecer que a experiência de ser mulher também constitui uma forma legítima e potente de expressão literária.

Assim como proposto acima por Ferrante, o debate apresentado em *Love Story* (2024), gira em torno de uma personagem que busca o anonimato por acreditar que o gênero literário que produz é inferior ao cânone. A narrativa apresenta ao leitor a protagonista Sophie Taylor, crescida em um ambiente vinculado ao universo editorial, sendo filha de dois influentes nomes nesse meio. Seu pai, um conceituado editor, famoso por ter publicado autores premiados com o Nobel e o Pulitzer, e sua mãe, uma crítica literária reverenciada. Desde a sua infância, Sophie foi envolvida por altas expectativas quanto ao seu futuro nesse mesmo meio, porém rompe com essa projeção quando decide se tornar professora e escrever um romance sob pseudônimo. O livro intitulado *Butterflies*, inserido no subgênero *chick-lit*, é o oposto do que é aceito pela sua família, na qual o cânone literário é tratado como medida de valor e a ideia de que livros voltados ao público feminino seriam majoritariamente inferiores e indignos de reconhecimento intelectual.

Esse ato de esconder a identidade feminina por meio de pseudônimos remonta a séculos anteriores, quando escritoras já precisavam mascarar o próprio nome para se livrarem da exposição e do preconceito que pairava sobre a autoria feminina. Nesse recorte:

Havia muitas restrições e expectativas sociais em relação às mulheres - sobre a maneira como elas deveriam escrever e os assuntos sobre os quais elas poderiam falar. E também era muito comum que críticos e leitores presumissem que seus livros eram sempre autobiográficos (Lanser, 2018, online).

A citação demonstra como essa prática indiretamente censurava a liberdade criativa e intelectual dessas mulheres. Foi o que ocorreu, por exemplo, com Emily Brontë, que em 1847 publicou a obra *O Morro dos Ventos Uivantes* sob um pseudônimo carregado de ambiguidade intencional, já que o nome Ellis Bell, não revelava de forma clara o gênero da autora.

Quase dois séculos após, ainda é possível enxergar essa mesma lógica se atualizando na ficção contemporânea de Lindsey Kelk, quando a protagonista adota o pseudônimo “Este Cox” para publicar a sua obra. O gesto de ocultar o próprio nome funciona como uma estratégia de proteção diante do temor do julgamento social, um escudo para a sua própria identidade, preservando assim a imagem da professora/autora em um meio que impõe implicitamente sanções morais e profissionais e que perpetua o estigma de que a escrita feminina é um produto de menor prestígio intelectual.

A intensidade dessa tensão é percebida em diversos trechos da narrativa e se torna evidente na fala da mãe da protagonista, Pandora Taylor, crítica literária, ao afirmar:

Tem um motivo pelo qual a autora não quer que ninguém saiba quem ela é, continuou completamente alheia ao fato de estar me esfaqueando verbalmente. Pseudônimos são comuns, mas anonimato total, não. Seja lá quem for essa mulher, ela deve estar profundamente envergonhada. Livros assim e as mulheres que leem atrasam o feminismo cem anos (Kelk, 2024, p. 58, tradução nossa).

A citação, marcada por críticas, comprova que a autoria feminina é julgada antes mesmo do conteúdo do texto e que o valor literário passa a ser determinado pela identidade de quem assina a obra e pelo gênero do público que irá consumir. A fala da personagem expõe uma forma recorrente de deslegitimação escancarando a persistência de um imaginário social que associa o consumo e a produção de literatura feminina à futilidade e à culpa, deslocando o debate para o campo da vergonha, emoção historicamente imposta às mulheres que ocupam espaços de visibilidade. A angústia de Sophie é a resposta a uma tradição que descredibiliza a escrita feminina por meio de críticas e prêmios que reforçam um reconhecimento seletivo. Como observa Oliveira, “por trás do processo de escolha de uma obra como sendo legítima de um povo e sua história, merecedora de entrar no cânone daquela cultura, há o ato de excluir outros(as) escritores(as)...” (2020, p. 145). O pseudônimo, então, aparece como tática para negociar, ainda que temporariamente, esse espaço.

Elena Ferrante (2021) também propõe essa discussão ao afirmar que “entre a pena e a caneta, tanto no masculino quanto no feminino, segue existindo uma espécie de descompasso congênito” (Ferrante, 2021 p. 18). A autora evidencia o quanto o ato de escrever, para as mulheres, se dá a partir de dificuldades dentro de um lugar moldado historicamente por vozes masculinas. Ferrante prossegue afirmando que:

A caneta feminina, justamente por não ter sido prevista dentro da língua escrita da tradição masculina, devia – há cinco séculos tanto quanto hoje –

fazer um esforço enorme e muito corajoso para violar o ‘jogo habitual’ e dotar-se de ‘inspiração e estilo’ (Ferrante, 2021 p. 18).

E ainda mostrando o ciclo vicioso que habita a escrita feminina, finaliza: "mas, sendo mulher, eu só podia escrever como mulher se violasse o que estava procurando diligentemente aprender da tradição masculina." (Ferrante, 2021 p. 18).

Há um momento específico no romance *Love Story* em que se evidencia a distinção de gênero literário e socialmente construído, quando Joe, um personagem masculino, assume a autoria de *Butterflies*, uma obra classificada como pertencente ao subgênero *chick-lit*. Esse episódio torna explícita a diferença de recepção e valorização atribuída à autoria feminina e masculina dentro do campo literário:

Não tem como você ter escrito esse livro,’ CJ disse, cutucando o nariz no manuscrito até Joe arrancá-lo de sua mão. ‘Você é um homem.’ ‘E isso me desqualifica de que maneira?’ ‘Porque foi obviamente escrito por uma mulher,’ meu ex gaguejou. ‘É para mulheres. É sobre mulheres.’ ‘Parece até que você está dizendo que não acredita que um homem possa escrever uma experiência feminina convincente,’ Joe respondeu, segurando a pilha de papéis debaixo do braço. ‘Irônico, considerando’ (Kelk, 2024 p. 99).

Nesta cena, Joe ocupa o lugar de Sophie, a verdadeira autora, ao afirmar publicamente ser “Este Cox”, o escritor misterioso do romance *Butterflies*. A reação tanto da família quanto do ex-namorado de Sophie, CJ, é marcada pela incredulidade e pela desconfiança, revelando uma percepção estereotipada de gênero no campo literário. A ideia de que um homem não poderia ser o autor de uma obra considerada “de mulherzinha” evidencia a associação do *chick-lit* ao universo feminino e, conseqüentemente, sua desvalorização. O tom irônico adotado por CJ ao afirmar que o livro “é para mulheres, é sobre mulheres” reforça o preconceito implícito que permeia a recepção desse gênero, refletindo uma estrutura histórica de deslegitimação das produções literárias voltadas ao público feminino, em contraste com aquelas escritas por homens, tradicionalmente reconhecidas como universais e socialmente legitimadas.

A apropriação da autoria por Joe, ao se passar por “Este Cox”, não apenas serve como elemento narrativo de tensão, mas também assume uma dimensão simbólica. O gesto de um homem reivindicar a autoria de uma obra produzida por uma mulher remete a uma prática histórica de apagamento e deslegitimação da escrita feminina. Tal movimento reforça a crítica implícita presente no romance, ao evidenciar que a validação literária ainda está atrelada a uma lógica patriarcal, na qual a autoria masculina é considerada naturalmente mais legítima e que mulheres escrevem apenas romances. Assim, essa cena funciona como uma metáfora para

a desigual distribuição de prestígio no campo literário, onde a voz das mulheres, especialmente em gêneros como o *chick-lit*, é frequentemente silenciada e desvalorizada.

Iniciação Científica no Ensino Médio Integrado, no Campus Rio Grande (IFRS)

Enquanto as pesquisas do ELIN focaram-se na análise pontual de uma obra recém-publicada e em seus efeitos na formação crítica das bolsistas, no Campus Rio Grande a pesquisa vinculada ao PRISMA buscou um recorte mais amplo, tomando o gênero *chick-lit* em perspectiva histórica. A pesquisa teve como objetivo analisar as representações de personagens femininas na *chick-lit*, com base em referenciais teóricos de gênero, discutindo de que forma essas narrativas refletem, reiteram ou tensionam normas sociais.

Para efetivar os objetivos, a pesquisa foi estruturada em torno de uma revisão bibliográfica de estudos críticos sobre gênero, sexualidade e *chick-lit*. Em seguida, foi realizada a seleção das obras, considerando os últimos trinta anos (1995-2025), selecionando um best-seller dentro do recorte temporal de um quinquênio, com o intuito de abarcar diversas representações femininas ao longo do tempo. As obras selecionadas deveriam ter protagonistas femininas e abordar temas relacionados aos papéis de gênero, feminilidade e relações de poder. Dessa forma, foram selecionadas sete obras, a saber: *Melancia* (1996), de Marian Keyes, *Os Delírios de Consumo de Becky Bloom* (2000), de Sophie Kinsella, *O Diabo Veste Prada* (2003), de Lauren Weisberger, *A Lista de Brett* (2013), de Lori Nelson Spielman, *O Amor e outras coisas* (2018), de Christina Lauren, *Leitura de Verão* (2020), de Emily Henry e *A história da minha vida* (2025), de Lucy Score.

A partir dessa seleção, realizou-se uma análise de conteúdo no *corpus*, buscando identificar as representações de gênero e a construção das personagens femininas, com foco em elementos como personalidade, diálogos, escolhas de vida, relações afetivas e profissionais, além de aspectos como independência ou submissão em relação às normas sociais. Além disso, as personagens foram categorizadas e analisadas de acordo com os estereótipos de gênero presentes, a partir da sua construção de identidade, papéis de gênero, escolhas de vida, relações pessoais e afetivas, independência, submissão e subversão ou reforço de estereótipos. A linguagem e os diálogos também foram considerados para entender como perpetuam ou desafiam normas sociais.

Foi realizada uma comparação entre as representações encontradas, identificando padrões e variações significativas nas representações de gênero, estereótipos e estratégias de empoderamento feminino. Também avaliou-se como autoras e contextos culturais lidam com papéis de gênero e feminilidade, destacando semelhanças e diferenças nas narrativas. Por fim, discutiu-se como o *chick-lit* contribui para a construção, desconstrução ou transformação dos papéis de gênero, considerando os impactos positivos e negativos na percepção social das mulheres.

Os resultados apontam que o gênero *chick-lit*, tal como legitimado pelo mercado global, reforça uma visão restrita do que significa “ser mulher”, vinculada predominantemente à experiência branca, de classe média-alta e ocidental. Nesse cenário, abre-se um espaço crítico para questionar quais vozes são representadas e, sobretudo, quais permanecem à margem. À luz das críticas de Hooks (2018) ao feminismo branco e das reflexões de Gonzalez (2020) sobre a invisibilização das experiências amefricanas, torna-se evidente que o *corpus* selecionado reflete a lógica colonial que privilegia determinadas subjetividades femininas em detrimento de outras. Dessa forma, reforça-se a necessidade de pensar a *chick-lit* a partir de perspectivas interseccionais e decoloniais.

Ao comparar as obras, verificaram-se semelhanças evidentes. As sete protagonistas analisadas são invariavelmente mulheres brancas, de classe média, vivendo em grandes centros urbanos, como Nova Iorque, por exemplo, que foi citada em quatro das sete obras analisadas. As suas trajetórias narrativas giram em torno de um interesse romântico que, por sua vez, também cumpre os padrões hegemônicos de gênero e classe. Observa-se, a partir da noção de performatividade de gênero (Butler, 2018) que tais personagens reiteram normas sociais e estereótipos, encenando um ideal de feminilidade que mantém sua centralidade na busca pelo amor heterossexual. Nesse sentido, recorremos também à ideia da “prateleira do amor” (Zanello, 2023), que explicita como o valor social das mulheres é frequentemente condicionado à sua inserção em relações amorosas.

Não há nenhuma evidência ou descrição implícita de algum personagem negro nas histórias, mesmo que de forma secundária ao enredo. Esses elementos, quando analisados pela lente da interseccionalidade, evidenciam como raça, gênero e classe se articulam para delimitar quais experiências femininas são legitimadas nesse subgênero. Também é importante destacar a ausência explícita de personagens lésbicas nas obras analisadas. Nos poucos casos em que homens *gays* aparecem, sua representação é marcada por estereótipos

reducionistas e caricatos, geralmente associados à figura do “homem afeminado ligado ao universo da moda”, o que reforça uma visão limitada e estigmatizada da diversidade sexual.

As obras revelam tensões entre costumes consolidados e demandas contemporâneas. Embora mantenham um núcleo narrativo semelhante, observa-se evolução parcial na construção das protagonistas, com maior autonomia e contestação de expectativas tradicionais de gênero. Apesar de nenhuma das protagonistas ter sido descrita como financeiramente dependente de seus parceiros, observamos que, quanto mais recente a obra, maior a ênfase na construção de personagens femininas independentes e com mais autonomia, inclusive do ponto de vista emocional. Essas mudanças, no entanto, são limitadas à experiência de mulheres brancas de classe média, mostrando que o *chick-lit* acompanha transformações socioculturais de forma superficial, sem romper com padrões hegemônicos de representação.

As contradições observadas nas obras analisadas revelam como a literatura pode simultaneamente reproduzir e questionar valores sociais. Foi a partir dessa constatação que as pesquisas de IC realizadas em ambos *campi* buscaram articular teoria e prática, transformando a leitura crítica do *chick-lit* em um instrumento de formação e reflexão sobre o papel da literatura na sociedade.

REFLEXÕES CRÍTICAS E IMPACTOS

Partindo da perspectiva de Cosson (2021) sobre o letramento literário, entendemos que as pesquisas desenvolvidas não tinham como meta apenas examinar o gênero *chick-lit*, mas também aprofundar a visão crítica das bolsistas e, de maneira mais ampla, da comunidade acadêmica por meio de participação em eventos científicos e publicações acadêmicas, experiências que ampliam os horizontes acadêmicos e culturais e que, no caso da bolsista de IC em nível Ensino Médio, culminou com a conquista do primeiro lugar pelo trabalho desenvolvido no Salão Universitário da Universidade Católica de Pelotas (UCPel) e destaque na categoria “Pesquisa” na primeira edição da modalidade Jovem da Semana Integrada de Inovação, Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), no Rio Grande do Sul.

Cosson (2021) aponta que o letramento literário é um fenômeno plural, composto por diferentes práticas e dimensões que constituem o processo de significação da literatura, assim esse letramento exerce um papel essencial nas atividades de pesquisa uma vez que não se

restringe à apreciação estética do texto, mas também envolve a reflexão sobre o lugar que a literatura ocupa nas relações socioculturais.

Durante o processo, as bolsistas envolvidas se depararam com desafios relacionados ao preconceito ainda existente contra esse tipo de narrativa, muitas vezes desvalorizada por ser voltada ao público feminino, mas também descobriram novas possibilidades de análise acadêmica, legitimando a *chick-lit* como objeto digno de investigação científica.

O projeto “A metalinguagem no romance *Love Story*, de Lindsey Kelk”, por exemplo, teve como foco a análise da dimensão metalinguística, aspecto particularmente relevante para a reflexão sobre autoria, identidade e recepção literária, pois como afirmam Walty e Curry (1999), a metalinguagem amplia a complexidade da narrativa, permitindo que o texto dialogue consigo mesmo e com a realidade social que o circunda.

Assim, a investigação permitiu compreender que o subgênero *chick-lit*, ao recorrer à metalinguagem, configura-se como um possível espaço crítico acerca da autoria feminina, dos processos de legitimação e das relações de poder que atravessam o campo literário contemporâneo.

O debate em torno dessas pesquisas também nos levou a refletir sobre os próprios conceitos de literatura e de literatura de entretenimento. Muitas vezes, obras classificadas como literatura de massa ou de entretenimento são marginalizadas no campo acadêmico, vistas apenas como produtos de consumo rápido, desprovidos de densidade estética ou teórica. Contudo, como destaca Oliveira (2020), a teoria e a crítica literária precisam contemplar a pluralidade de manifestações textuais, sem restringir a literatura apenas ao cânone consagrado.

Nesse sentido, o gênero *chick-lit*, ainda que inserido no campo do entretenimento, revela-se um possível espaço para analisar as relações sociais e de poder. Ao articular narrativas sobre a vida cotidiana de mulheres, suas carreiras, amizades e afetos, esse gênero abre uma discussão sobre estereótipos, desigualdades e disputas simbólicas que atravessam a experiência feminina na sociedade contemporânea.

***Chick-lit*, gênero e sexualidade**

As experiências de IC desenvolvidas nos grupos ELIN e PRISMA evidenciam como a literatura *chick-lit* pode ser mobilizada como objeto de análise crítica para a compreensão das relações de gênero, sexualidade e representatividade. Apesar de muitas vezes marginalizado

pela crítica literária e associado ao rótulo de “literatura de mulherzinha”, esse subgênero revelou-se um espaço fértil para tensionar discursos hegemônicos e repensar estereótipos historicamente construídos em torno da figura feminina.

No caso dos estudos no Campus Cubatão, a análise de *Love Story* (2024), de Lindsey Kelk, permitiu que as bolsistas problematizassem os modos como a narrativa representa a mulher moderna em meio a dilemas afetivos e profissionais, colocando em questão os mecanismos de legitimação cultural que ainda desvalorizam a escrita feminina. O recurso à metalinguagem, ao tematizar a autoria e a recepção do texto, trouxe à tona a permanência de assimetrias de gênero no mercado editorial, revelando como a assinatura masculina continua a gozar de maior prestígio. No Campus Rio Grande, por sua vez, o recorte histórico de três décadas de publicações permitiu observar padrões de representação, reforçando que, embora haja uma evolução parcial na autonomia das protagonistas, o gênero segue reproduzindo visões restritas de feminilidade, predominantemente brancas, heterossexuais e urbanas.

Essas constatações ampliam as possibilidades de análise crítica do *chick-lit*. Ao invés de ser compreendido apenas como literatura de entretenimento, o gênero se mostra capaz de evidenciar disputas simbólicas em torno da identidade feminina, questionando a forma como determinados corpos e experiências são legitimados em detrimento de outros. Tal perspectiva fortalece o exercício do letramento literário e convida à reflexão sobre o funcionamento do mercado editorial, que privilegia narrativas alinhadas a um perfil normativo, ao mesmo tempo em que marginaliza vozes dissidentes ou interseccionais.

Na articulação com os objetivos do NUGS, essas pesquisas assumem papel central. Em primeiro lugar, promovem a inserção do debate de gênero na produção acadêmica local, seja no ensino superior, seja no ensino médio, demonstrando que as práticas de IC podem – e devem – dialogar com questões sociais contemporâneas. Em segundo lugar, contribuem para a construção de uma memória institucional que valoriza o protagonismo discente, reafirmando a relevância da experiência investigativa como parte da formação crítica e cidadã. Por fim, os projetos abrem caminhos para a continuidade de pesquisas futuras, seja ampliando o corpus de obras analisadas, seja tensionando as lacunas do *chick-lit* em termos de representatividade racial, de classe e de orientação sexual.

Ao promover o diálogo entre literatura, gênero e sociedade, os trabalhos aqui relatados reforçam a importância da interdisciplinaridade e da perspectiva crítica no ensino e na pesquisa. Mais do que resultados pontuais, constituem experiências formativas que

contribuem para o fortalecimento de uma rede acadêmica comprometida com a inclusão, a diversidade e a transformação social.

DESAFIOS ENCONTRADOS

As experiências de IC desenvolvidas tanto no IFSP quanto no IFRS também revelaram um conjunto de desafios que atravessaram tanto o percurso formativo das bolsistas quanto a consolidação das pesquisas. Um dos obstáculos mais recorrentes esteve relacionado ao acesso a bibliografia atualizada, sobretudo em língua inglesa. Considerando que o *chick-lit* é um subgênero amplamente difundido em países anglófonos, a limitação de obras traduzidas e de estudos recentes disponíveis em bibliotecas locais exigiu esforço adicional na busca por materiais, bem como a utilização de bases digitais para complementar as leituras.

Essa predominância da produção norte-americana e britânica revela não apenas um domínio linguístico, mas também uma hegemonia discursiva que tende a homogeneizar o papel da mulher representado nessas narrativas. A figura feminina construída pelo *chick-lit* internacional, frequentemente branca, urbana e de classe média, consolida um modelo de feminilidade associado ao consumo, à independência profissional e à busca por realização afetiva. Características que, embora aparentemente emancipatórias, reforçam um ideal padronizado e excludente de experiência feminina. Assim, ao mesmo tempo em que essas obras oferecem visibilidade à mulher moderna, também reproduzem valores do neoliberalismo cultural anglo-americano, esvaziando a diversidade de identidades e contextos que compõem o feminino em outras realidades socioculturais. Diante disso, as pesquisas realizadas também buscaram refletir sobre os limites da tradução cultural e simbólica de um discurso global sobre as mulheres.

Outro desafio enfrentado foi o preconceito associado ao objeto de estudo. O fato de o *chick-lit* ser popularmente rotulado como “literatura de mulherzinha” gerou, em alguns momentos, desconfiança quanto à legitimidade do gênero como campo de investigação acadêmica. Esse estigma, presente tanto no senso comum quanto em setores da crítica literária, reforça hierarquias de valor que tendem a privilegiar narrativas masculinas ou alinhadas ao cânone literário, ao mesmo tempo em que desqualificam produções voltadas ao público feminino. A superação desse obstáculo demandou um exercício constante de argumentação teórica e crítica, reafirmando a pertinência de se investigar práticas culturais

que, embora marginalizadas, possuem grande impacto na formação de identidades e representações sociais.

No campo metodológico, as pesquisadoras também se depararam com o desafio de aplicar conceitos teóricos complexos a um gênero literário muitas vezes considerado leve ou de entretenimento. Referenciais como Butler (2018) e Chalhub (2006), por exemplo, exigiram esforços de mediação para que pudessem dialogar de forma produtiva com narrativas aparentemente simples. Essa tensão metodológica, entretanto, mostrou-se frutífera, na medida em que permitiu aprofundar a análise das obras e demonstrar que até mesmo textos voltados ao grande público carregam camadas discursivas relevantes para compreender os modos de produção e circulação de estereótipos de gênero.

Por fim, é importante destacar os desafios inerentes à formação discente. Para estudantes do ensino médio, a inserção no universo da pesquisa acadêmica representou tanto uma oportunidade inédita quanto um processo de adaptação às exigências de leitura crítica, fichamento, sistematização de dados e escrita científica. Em Cubatão, estudantes de graduação também relataram dificuldades iniciais em conciliar o prazer da leitura com a postura analítica necessária ao trabalho acadêmico. Em ambos os contextos, essas tensões foram transformadas em oportunidade de aprendizado, reafirmando o papel da IC como espaço de amadurecimento intelectual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências relatadas neste trabalho evidenciam que a IC, seja no âmbito do ensino superior em Cubatão, seja no contexto do ensino médio em Rio Grande, constitui-se como espaço privilegiado de formação crítica, de amadurecimento acadêmico e de reflexão sobre identidades e representações sociais. A escolha do *chick-lit* como objeto de estudo, apesar dos preconceitos e estigmas que o acompanham, mostrou-se importante para a problematização de estereótipos de gênero, da legitimação cultural de determinadas produções literárias e da invisibilização de outras narrativas.

Os impactos dessa experiência podem ser percebidos em diferentes dimensões. Do ponto de vista pessoal, as bolsistas tiveram a oportunidade de transformar suas práticas de leitura em investigação científica, desenvolvendo competências relacionadas à escrita acadêmica, ao letramento literário e à análise crítica de discursos. Do ponto de vista acadêmico, os projetos fortaleceram a inserção do debate de gênero na produção científica

local, ampliando o alcance das ações dos grupos ELIN e PRISMA e estabelecendo um diálogo interinstitucional que reforça a relevância da pesquisa colaborativa. Do ponto de vista institucional, a articulação entre os grupos evidencia a importância de criar e consolidar espaços de estudo e discussão que ultrapassem os limites disciplinares, fortalecendo a interdisciplinaridade, uma vez que a leitura dos romances debatem, além da questão estética e das práticas de linguagem, os papéis sociais da mulher e as forças políticas que determinam certos discursos.

Ao vincular-se às comemorações dos dez anos do NUGS, este relato reafirma o papel das experiências locais na consolidação de uma rede nacional de pesquisas sobre gênero e sexualidade. A trajetória construída em Cubatão e Rio Grande demonstra que, mesmo a partir de recortes distintos, é possível produzir conhecimento relevante, que contribui para repensar estereótipos e ampliar a representatividade no campo literário e acadêmico.

Por fim, as experiências aqui narradas apontam para a necessidade de continuidade e aprofundamento dessas pesquisas. O *chick-lit*, enquanto prática cultural, segue apresentando limites e lacunas em termos de diversidade e inclusão, mas também se revela como espaço de disputa simbólica e de possibilidades críticas. Assim, espera-se que as próximas pesquisas possam consolidar e expandir o diálogo entre literatura, gênero e representatividade.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Rosana; LIMA, Deyvison. **Judith Butler sobre o gênero**: as performances e os corpos estranhos. *Kínesis*, Universidade Estadual Paulista, 2021. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/kinesis/article/view/13600/12573>. Acesso em: 18 nov. 2024.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CHALHUB, Samira. **O que é metalinguagem**. São Paulo: Ática, 2006.

CHRISTINA, Lauren. **Amor e outras coisas**. São Paulo: Galera Record, 2018.

COSSON, Rildo. Ensino de literatura, leitura literária e letramento literário: uma desambiguação. **Interdisciplinar** – Revista de Estudos em Língua e Literatura, São Cristóvão-SE, v. 35, n. 1, p. 73–92, 2021. DOI: 10.47250/intrell.v35i1.15690. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/interdisciplinar/article/view/15690>. Acesso em: 22 set. 2025.

DIOGO, Julia. **Chick-lit**: a literatura da mulher moderna. 2014. 71 f. Monografia (Graduação em Comunicação Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Filosofia e



Ciências Humanas, Escola de Comunicação, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/537/1/JDiogo.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2024.

FERRANTE, Elena. **As margens e o ditado**. Intrínseca: 2021

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HENRY, Emily. **Leitura de verão**. São Paulo: Verus Editora, 2020.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

KELK, Lindsey. **Love Story**. London: HarperCollins, 2024.

KEYES, Marian. **Melancia**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

KINSELLA, Sophie. **Os delírios de consumo de Becky Bloom**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

LANSER, Sue. **As escritoras que tiveram de usar pseudônimos masculinos – e agora serão lidas com seus nomes verdadeiros**. BBC News Brasil, São Paulo, 15 abr. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-43592400>. Acesso em: 20 out. 2025.

LAUREN, Christina. **Amor e outras coisas**, Universo dos Livros, 2018.

MATVIJEV, M. Para uma definição da ‘chick lit’ portuguesa: análise da recepção crítico-literária e interpretações de leitores da narrativa feminina portuguesa contemporânea. **E-Revista de Estudos Interculturais do CEI – ISCAP**, n. 3, maio 2015.

OLIVEIRA, Silvana. **Teoria e crítica literária**. 1ª Ed. São Paulo: Intersaberes, 2020.

SANTOS, Jaqueline. **Literatura de mulherzinha**: gênero e individualismo em romances “chick-lit”. 2016. 97 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: https://www.academia.edu/download/47954105/SANTOS_Jaqueline_-_Literatura_de_Mulherzinha_Genero_e_Individualismo_em_Romances_Chick-Lit.pdf. Acesso em: 12 nov. 2024.

SCORE, Lucy. **A história da minha vida**. São Paulo: Editora Charme, 2025.

SPIELMAN, Lori Nelson. **A lista de Brett**. Rio de Janeiro: Verus Editora, 2013.

WALTY, Ivete Lara Camargos; CURY, Maria Zilda Ferreira. **Textos sobre textos: um estudo da metalinguagem**. Belo Horizonte: Editora Dimensão, 1999.

WEISBERGER, Lauren. **O diabo veste Prada**. Rio de Janeiro: Record, 2003.



ZANELLO, Valeska. **A prateleira do amor:** sobre mulheres, homens e relações. [s.l.]: Appris, 2023.

